

## A CONSTRUÇÃO VPS NA PROPAGANDA DE RUA DE NITERÓI: função e representação

Paula Vital da Conceição\*( UFF)

### RESUMO

No momento atual, os estudos da linguagem vêm enfatizando o tratamento das relações entre gramática e discurso. De acordo com essa tendência, com base no funcionalismo linguístico norte-americano, na linha de Givón, Thompson, Closs-Traugott, Hopper, entre outros, este trabalho objetiva levantar e analisar a motivação da estrutura gramatical do português denominada, tradicionalmente, voz passiva sintética (VPS) - forma disponível no sistema gramatical para representar um processo mencionando o paciente e desfocando o agente -, utilizada para divulgação de produtos e serviços nas ruas do centro de Niterói. Trata-se de uma construção simples, previsível, cuja disposição/ordenação mais natural, ou menos marcada, possui configuração VERBO + SE + SN, sendo atribuído ao verbo *status* de tópico; através dele é revelada a atividade meio ou fim desempenhada pela pessoa, física ou jurídica. Tal estrutura atende aos propósitos comunicativos da comunidade linguística e provavelmente sinaliza para uma potencial mudança na regra de articulação da VPS, como também ratifica que as estruturas sintáticas “refletem” de algum modo a forma e a organização das estruturas semântico-cognitivas subjacentes. Os resultados desse estudo mostraram indícios de que a VPS sofre um processo de rotinização que a tem tornado uma construção ritualizada, convencionalizada, representativa da propaganda de rua, portanto, fazendo parte do imaginário coletivo daqueles informantes. Em resumo, constatou-se que, se determinada estrutura gramatical é empregada recorrentemente em/para determinada situação comunicativa, isso se deve ao(s) significado(s) que ela articula. Ao mesmo tempo, a repetição de seu emprego é que, histórica e socialmente, cria e consolida seu significado.

**Palavras-chave:** Morfossintaxe; Voz passiva sintética; Gramática e discurso; Funcionalismo.

### 1. INTRODUÇÃO

Com base no reconhecimento da importância de se abordar a gramática em termos de seus contextos naturais de uso, surge e se organiza, no final dos anos 70, o funcionalismo linguístico norte-americano, na linha de Givón, Thompson, Closs-Traugott, Hopper, entre outros, na configuração do contexto teórico em que se insere a presente pesquisa.

Este estudo sintetiza a análise realizada no curso de Mestrado da estrutura gramatical do português denominada, tradicionalmente, voz passiva sintética (VPS) – forma disponível no sistema gramatical para representar um processo mencionando o paciente e omitindo o agente –, empregada em placas e cartazes para oferta de produtos e serviços (ex. aluga-se lojas). Neste estudo, correlacionaram-se as propriedades funcionais dessa estrutura a seu

emprego na propaganda de produtos e serviços encontrada nas ruas do centro do município de Niterói (Rio de Janeiro).

Para tanto, além da coleta do material (foto – fig. 1/2 – dispostas no fim desta seção), foram feitas entrevistas (questionário – fig. 3 – fim da seção) com os usuários dessa estrutura: comerciantes, “cartazistas” e consumidores dos produtos e usuários dos serviços oferecidos. Tal estudo, além das questões de ordem formal, procurou levar em conta o modo de produção desses textos, o grupo em que a estrutura ‘circula’, o atingimento ou não do objetivo comunicativo.

Verificou-se, então, que se determinada estrutura gramatical é empregada recorrentemente em/para determinada situação comunicativa, isso se deve ao(s) significado(s) que tal estrutura permite articular para o atingimento de propósito bem evidente, em nosso caso – a venda de produto/oferta de serviço em local público. Ao mesmo tempo, a repetição de seu emprego é que, histórica e socialmente, origina e estabiliza o significado da estrutura, assim, tornando-a usual, ou seja, gramatical.

Desse modo, observou-se que a estrutura de VPS, no contexto em que foi analisada, passou a fazer parte do *imaginário coletivo* (conforme MOSCOVICI, 2005) daqueles informantes. Compreendeu-se inclusive que a parte inicial e mais amalgamada da estrutura – *verbo+se* – passou a funcionar como uma construção ritualizada, convencionalizada, representativa da propaganda de rua.

Assim, o que antes era considerado icônico, tornou-se arbitrário, por meio de um processo de convencionalização; desgastou-se pelo uso, passou a figurar na mente das pessoas como uma estrutura única, sedimentada, própria para o atendimento daquele objetivo/efeito, perdendo-se a memória de sua motivação, natureza, elaboração e disposição. A fim de viabilizar a análise, buscou-se identificar que noção compreenderia questões como: ritualização, convencionalização, coletividade (social). Para tanto, utilizou-se o conceito, atualmente considerado *fenômeno, das representações sociais* (explicitado nos pressupostos teóricos).

**A F I A - S E**  
★ **FACAS**  
★ **TESOURAS**  
★ **ALICATES**  
★ **ESPÁTULAS**  
**de UNHA**

**CONSERTA-SE:**  
**INSTRUMENTOS**  
**MUSICAIS &**  
**APARELHOS**  
**ELETRÔNICOS...**

fig. 1

fig. 2

<p><b>QUESTIONÁRIO</b></p> <p>Questionário nº 04 Data da Coleta: 03/03/2005</p> <p><i>Registro nº 05: <b>COLOCA-SE PINOS PULSEIRAS E BATERIAS DE RELÓGIOS / AMOLA-SE ALICATES E TESOURAS NA HORA</b></i></p> <p>1. <u>Sobre o local:</u> Cidade: <u>Niterói.</u> Endereço / Bairro: <u>Rua Doutor Borba,</u> <u>nº 17 / Centro.</u></p> <p>2. <u>Sobre o informante:</u> Nome: <u>Jorge.</u> Faixa etária: (X) 30-40. Escolaridade: <u>ensino médio incompleto.</u></p> <p>3. <u>Sobre a estrutura (VPS):</u> 3.1. Por que resolveu usar essa frase (ou esses dizeres) para fazer sua propaganda? (Viu em alguma gramática ou manual de propaganda ou a viu escrita em algum lugar?) R. <u>Tirei da minha cabeça. Sempre</u> <u>teve essa placa aqui.</u></p> <p>3.2. Você acha que ela atende ao objetivo da loja?</p>
---

fig. 3

## 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para a análise, fez-se uso de duas correntes harmônicas de estudo, uma propriamente linguística e outra de viés mais holístico voltada para questões concernentes a grupos sociais, a senso comum, à coletividade. No que tange à primeira, utilizaram-se os princípios, conceitos e ferramentas do funcionalismo linguístico de linha norte-americana. Já no que diz respeito aos temas sociais subjacentes à díade usuário(s)/estrutura, foi aproveitada a noção, desenvolvimento e *status* do fenômeno da psicologia social denominado *representações sociais*.

## 2.1. Funcionalismo linguístico

O funcionalismo linguístico compreende a linguagem como um instrumento de interação social. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. De acordo com Furtado da Cunha et al. (2003: 29):

[...] Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema.

Pode-se afirmar de acordo com Macedo (1998: 75) que “o ponto central do enfoque funcionalista é o fato de ser a estrutura da gramática explicada como resultado de funções de outras esferas, especialmente os níveis cognitivos e comunicativos”.

## 2.2. Fenômeno das representações sociais

Durante o desenvolvimento do trabalho, foi suscitada, a partir da análise e interpretação dos questionários aplicados, a necessidade de leitura e pesquisa acerca de uma disciplina ou campo de estudo que desse conta de questões tais como ritualização, simbolismo, representatividade no âmbito discursivo (comunicacional) e circunscritos na coletividade, no social. Numa incursão a fim de atender a esse propósito, verificou-se, no campo da psicologia social, um estudo interessante sobre representações sociais cuja aplicação acreditou-se ser produtiva para o desenvolvimento e compreensão da estrutura analisada. Sobre isso, observe-se uma citação do autor que introduziu o referido conceito, Moscovici (2005: 10):

As representações são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos [...].

As representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem a realidade da vida cotidiana e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros. O conhecimento que “move” as representações

sociais, conforme se observa em Moscovici (2005: 9), “é sempre produzido através da interação e comunicação e sua expressão está sempre ligada aos interesses humanos que estão nele implicados”, ou seja, “é produto de um grupo de pessoas que se encontram em circunstâncias específicas, nas quais elas estão engajadas em projetos definidos.”

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização do estudo, além da coleta do material (registros fotográficos das placas e tabuletas contendo as estruturas VPS), estabeleceu-se um contato com os usuários da construção VPS através de uma breve entrevista para o preenchimento de um questionário. Da análise do teor das respostas, emergiu a hipótese de que a estrutura VPS vem se ritualizando no grupo “comerciantes/prestadores de serviço” estabelecidos nas ruas do centro de Niterói.

Acerca do contato estabelecido com os usuários da forma VPS, vale ressaltar que em relação à questão central do questionário: *por que você escolheu essa frase (ou esses dizeres) para fazer sua propaganda?*, para os entrevistados pareceu um tanto complexa de tão óbvia, haja vista responderem com uma outra pergunta: “como assim?” e, tão logo a completarmos: *buscou em alguma gramática ou manual de propaganda, alguém a sugeriu ou a viu escrita em algum lugar?*, responderem rapidamente: “ora...da minha cabeça”, “do que eu faço”, “do meu trabalho”.

Destaque-se que, num primeiro momento, a conceituação dos informantes centrada neles próprios pareceu-nos um problema para a análise, mas, a partir de investigação mais detida, observando e comparando essas respostas, pensamos que esse tipo de retorno poderia nos revelar o quão associada está a estrutura àquele tipo de atividade, àquele grupo social/comunicacional.

### 4. ANÁLISE DA VPS : aspectos funcionais e representacionais

Buscamos descrever e analisar a regularidade da construção/ideia VPS observando seu uso interativo, analisando as condições discursivas desse uso. Apoiando-nos, para tanto, nas orientações encontradas em MOSCOVICI (2005: 121) sobre o modo como as representações sociais devem ser estudadas: “articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a

cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e à realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm”.

De posse da visão funcional, que apregoa que os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes e que, junto à descrição sintática, é fundamental que se investiguem as condições discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso, observamos que a estrutura num primeiro momento reflete as circunstâncias e propriedades de seu emprego.

Verificamos que se trata de uma estrutura simples, previsível [verbo singular + se + sintagma nominal (SN) plural], cuja disposição/ordenação atende aos propósitos comunicativos da comunidade linguística. Desse modo, constatamos, conforme consta em Furtado da Cunha et al. (2003: 34), que “as estruturas sintáticas não devem ser muito diferentes, na forma e na organização, das estruturas semântico-cognitivas subjacentes.”

Observamos, com o auxílio do aparato teórico da linguística funcional – dos subprincípios de iconicidade, do conceito de marcação e do critério de transitividade –, que a estrutura, analisada tradicionalmente como pertencente à “voz passiva”, é selecionada pela grande maioria dos comerciantes e cartazistas, em virtude de ser considerada comum, básica para o fim pretendido. Referindo-se à voz passiva em inglês, Givón (1989: 44), assim como Thompson (1996: 82), afirma que orações passivas são marcadas em relação a orações ativas, ou seja, se uma oração passiva é selecionada é porque houve uma razão particular para isso, já que a escolha natural seria a ativa. Sendo assim, ao analisarmos a estrutura na direção *uso* → *conceituação*, e ainda levando em conta as entrevistas realizadas com os usuários e receptores da construção/ideia, verificamos que a estrutura não é compreendida/utilizada como “voz passiva”, ela constitui, na representação dos usuários, uma construção efetivamente ativa.

Inferimos de seu emprego e da compreensão que os usuários têm dele que a mensagem transmitida possui caráter resumido, eficiente, tornando viável às pessoas que circulam por entre os estabelecimentos, as ruas, entender/captar rapidamente sua proposta. Sua funcionalidade dispensa a aparição explícita de sujeito, uma vez que está claro, tanto para o usuário como para o leitor da estrutura, que o sujeito é aquele que desenvolve a atividade declarada. Desse modo, pode-se dizer que esse *participante* (sujeito) compõe a construção sob o viés pragmático apenas, ou seja, sua presença é contextual, faz parte da experiência das pessoas envolvidas no processo de produção e recepção da construção. Esse seria um dos principais motivos para o verbo permanecer no singular, contrariando a prescrição da gramática normativa.

Outra razão para a estrutura ser empregada de forma direta, portando a configuração *verbo – argumento objeto direto (ação → objetos afetados por essa ação)*, diz respeito ao traço cinético positivo do sintagma verbal (SV), que extrapola seu campo semântico afetando o complemento. Isto é, a estrutura possui verbo de ação, que exprime movimento, realização, cujo sentido corresponde a alguém produzindo/realizando algo que tem como consequência a transformação do objeto. Destarte, usuários e receptores da estrutura reanalisam como objeto direto o que a gramática insiste em classificar como sujeito. Consideramos, portanto, a ocorrência de dois *participantes* na estrutura: sujeito, intencional e agentivo e objeto, afetado e não-individuado. O objeto participa completamente da construção, ou seja, de modo estrutural, semântico e pragmático; já o sujeito figura apenas semântica e pragmaticamente.

Destaque-se a falta de nexos na conceituação do sintagma nominal plural como sujeito também em face da ‘arrumação’ (disposição/ordenação) realizada pelo usuário e compreendida pelo receptor. A aparência padrão das estruturas apresenta o SV como tópico e desvinculado dele, através do emprego de recursos gráficos ou de pontuação, figura uma lista contendo palavras indicadoras de objetos. O desligamento visual entre SV e SN se traduz em menor integração semântico-sintática entre os termos, fato que vem fortalecer a classificação de objeto do SN posposto ao verbo. Ademais, as propriedades funcionais da estrutura assim como a representação social subjacente a ela vêm acarretando a constituição de um clichê da publicidade do comércio de produtos e da prestação de serviços, com características peculiares, distintas das listadas em compêndios de orientação de propaganda e *marketing*. Tal fato pode ser constatado não só na estrutura propriamente dita (SV singular + se + SN plural), em seus recursos de codificação morfossintática; como também nos recursos gráficos, estéticos e de pontuação.

A ênfase dada ao verbo, à ação, observada pela disposição temática dispensada a ele, reflete, segundo consta em Moscovici (2005, p. 227), nossa representação mental da construção/ideia. O autor afirma que “[...] há uma correspondência entre nossa representação mental dos acontecimentos e o sentido das frases empregadas para expressá-los”.

Dessa forma, torna-se inviável proceder ao mecanismo de identificação da estrutura preceituado pela norma gramatical, que na tarefa de explicitação da estrutura faz menção a outra, denominada voz passiva analítica (VPA). Mais uma vez nos suscita a noção de que os usuários e os receptores da mensagem a empregam, lêem-na, como uma estrutura de voz ativa. Ou seja, a leitura/análise da VPS não está sujeita a leitura/análise de nenhuma outra estrutura. A proximidade dos conteúdos dessa construção tal como organizada/selecionada pelo usuário,

em determinado contexto de uso, reflete a representação mental que se tem dela. Pode-se dizer que os conceitos que estão mais integrados funcional, conceptual ou cognitivamente também se manifestam com maior integração morfossintática, uma vez que são colocados mais próximos no nível da codificação.

Vale ressaltar sobre a análise feita da VPS, compreendida/”usada” como voz ativa, que essa se encontra fora do eixo padrão prescrito pela gramática tradicional, que apresenta o agente ocupando o papel de sujeito/tópico da oração. Não há, nesse caso, nenhum resquício das considerações de Givón (1995: 45) acerca do reflexo no discurso da orientação antropocêntrica da cultura humana em posicionar o agente à esquerda da estrutura, uma vez que, na VPS, ele se encontra em plano secundário, enfatizando-se o processo (verbo), a ação, a atividade desempenhada.

O caráter não-prototípico (supracitado) da voz ativa na concepção normativa, no entanto, não encontra respaldo na concepção funcional uma vez que os parâmetros de transitividade da VPS se coadunam com algumas das características, citadas em Givón (1995: 45), concernentes ao *status* não-marcado da oração ativa: um agente/causa saliente; um paciente/efeito saliente; verbo de ação, de aspecto perfectivo; oração *realis*. Podendo, assim, a oração da VPS ser considerada de transitividade relativamente alta. No que diz respeito à propriedade convencional da VPS, o clítico *se* contribui sobremaneira para o reconhecimento da mensagem e para a divulgação da estrutura em foco. Segundo Azeredo (2002: 174), “o pronome reflexo, apresenta uma forte tendência à cristalização junto a vários verbos, caso em que deixa de haver voz reflexa – um conceito sintático – e se origina a classe dos verbos pronominais – que é um conceito morfológico: *comportar-se, pronunciar-se, [...]*”. Acerca dessa propensão à consolidação das formas linguísticas, pode-se afirmar, com base na análise funcionalista e nos pressupostos das representações sociais, que a parte temática da estrutura VPS – *verbo+se* – cristalizou-se. Em decorrência do uso, ela se tornou arbitrária e convencional, tendo sido perdida a noção da existência de dois itens distintos na construção. Ao que parece, então, verbo e clítico formaram um bloco único, formal e ideacional. Sendo assim, a partir do momento em que se codifica/decodifica ‘conserta-se...’, p. ex., emergem os conceitos relativos ao verbo e ao agente desfocado que tanto participa do processo verbal quanto o deflagra.

O desfocamento do agente se dá sob os vieses semântico e pragmático, enquanto sua indeterminação estrutural gera similaridade entre sua forma e a forma de sujeito indeterminado, não existindo, assim, um item concreto na construção que corresponda ao

sujeito. Pelo viés funcional e representacional, o sujeito parece “piscar” na mente dos usuários da estrutura, haja vista suas respostas conterem seus ofícios e eles próprios: “é o que eu faço”, “faço isso há muito tempo”, “é o meu trabalho”. Enquanto também parece figurar na compreensão dos receptores da estrutura que ‘alguém faz alguma coisa’, ‘ali realizam uma atividade’.

O processo de sedimentação de parte da estrutura (*verbo+se*) talvez não tenha ocorrido de forma abrupta, mas através de um processo gradual derivacional, que pode ainda estar em curso. A VPS tal como é articulada fornece sinais de que uma mudança pode estar se processando no suposto itinerário: *iconicidade > arbitrariedade*. Dessa dinâmica fazem parte domínios culturais e cognitivos, uma vez que a realidade de cada grupo social é que direciona seus usos e representações desses usos. Conforme Givón (1995), questões relativas ao domínio cultural tornam, p. ex., “adulto” e “masculino” o caso não-marcado em face do marcado “jovem” e “feminino”. Similarmente, é o que ocorre com os conceitos “animado” e “inanimado”, segundo o autor, nossa perspectiva cultural egocêntrica como uma espécie animada faz “animado” ser não-marcado e “inanimado”, o caso marcado.

Esse conhecimento inscrito nas experiências ou acontecimentos sustentados por indivíduos e partilhados na sociedade nos permite compreender por que a estrutura de VPS é a primeira opção selecionada pelos entrevistados. Porque, para o alcance do objetivo do grupo, há tempos a estrutura cumpre eficientemente o papel de divulgação de suas atividades. A questão da ‘antiguidade’ da estrutura faz emergir a representação *tradição – credibilidade –* assim, *estabilidade* (manutenção do uso). Segundo Moscovici (2005, p. 40):

Sempre e em todo lugar, quando nós encontramos pessoas ou coisas e nos familiarizamos com elas, tais representações estão presentes. A informação que recebemos, e à qual tentamos dar um significado, está sob seu controle e não possui outro sentido para nós além do que elas dão a ele.

Para alargar um pouco o referencial, nós podemos afirmar que o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra, como o fator determinante, dentro do pensamento individual. Tais representações aparecem, pois, para nós, quase como que objetos materiais [...] pois são o produto de nossas ações e comunicações.

Comprendemos que tanto a estrutura de VPS quanto sua representação podem estar sofrendo um processo de desgaste em virtude da alta recorrência à construção/ideia. No âmbito da linguagem, quando um fenômeno passa a ocorrer de forma previsível e estável,

torna possível sua inserção no nível gramatical, em que ocorre sua fixação, processo esse denominado *gramaticalização*. No âmbito das representações, segundo Moscovici (2005: 41), “quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais fossilizada ela se torna. O que é ideal, gradualmente torna-se materializado. Cessa de ser efêmero, mutável e mortal e torna-se, em vez disso, duradouro, permanente, quase imortal”.

Acerca do último mecanismo mencionado, suscitou-nos, após o contato com os informantes da pesquisa, devido à dificuldade de compreensão, ou melhor, de conscientização do que estava sendo questionado, que a natureza convencional da representação era ignorada. A representação – embora fosse partilhada por tantos, embora penetrasse, influenciasse, atingisse satisfatoriamente o objetivo de tornar a comunicação, dentro do grupo, relativamente não-problemática – não era pensada pelo grupo.

Por essa razão, cremos que estrutura e representação caminham para a regularidade, fixando-se como um emblema, que ao ser visto/pensado faz saltar imagens, conceitos e características inerentes à estrutura. Nesse sentido, manifestam-se representações mentais associadas a pequenos e médios comerciantes e prestadores de serviços; a locais simples, construções antigas, não-revitalizadas; a centros comerciais abertos sem muita infraestrutura; a serviços e estrutura repetitivos, vistos a todo momento nas ruas. Nas palavras de Moscovici (2005: 90): “O que nós criamos, na verdade, é um referencial, uma entidade à qual nós nos referimos, que é distinta de qualquer outra e corresponde a nossa representação dela. E sua repetição [...] garante sua autonomia”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem utilizada neste estudo, possibilitada pela afinidade teórica do funcionalismo linguístico com um conceito de base sociológica, resultou numa análise que desvelou pormenores e sutilezas aparentemente intangíveis de questões tais como pragmática, semântica e, principalmente, cognição.

Este estudo foi direcionado para a compreensão do significado que a estrutura VPS permite realizar com atenção para o fato de que o significado que a torna recorrente, ao mesmo tempo, ao ser selecionado (repetido) em virtude de sua adequação, é que, histórica e socialmente, origina e estabiliza seu significado, assim, tornando a estrutura usual, ou seja,

gramatical. Nesse caso, compreendemos, em relação ao emprego da VPS, que o caráter icônico da estrutura, em virtude da alta recorrência a ela pelo grupo, desgastou-a, tornando-a arbitrária, passando a circular naquela comunidade como uma estrutura única, sedimentada, cuja natureza, elaboração e disposição não podem mais ser restauradas. Desse modo, configurando um processo de gramaticalização.

## VPS CONSTRUCTION IN STREET ADVERTISING IN NITERÓI: function and representation

### ABSTRACT

At the current moment, the studies of the language emphasize the relations between grammar and discourse. According to this tendency, based on the North American linguistic functionalism, represented by Givón, Thompson, Closs-Traugott, Hopper, among others, this work aims to analyze the motivation of the grammatical structure traditionally named as synthetical passive voice (VPS) – which is available in the grammatical system to represent a process in which the patient is mentioned and the agent is faded. This structure is used to advertise products and services on the streets of downtown Niterói. It is a simple, expected construction, whose more natural grammar structure disposition, or a less marked one, has the configuration of VERB + SE + SN, having the verb the topic status attribution. Such structure meets the needs of communicative purposes of the linguistics community and probably signals for a potential change in the articulation rule of VPS, as well as it confirms that the syntactic structures “reflect” somehow the form and the organization of the underlying semantic-cognitive structures. The results showed some indications that VPS suffers a routinely process that has turned it into a ritualized and conventionalized construction, representative of the street advertising, therefore, making part of the collective imaginary of these informers. In summary, it was verified that, if a grammatical structure is frequently used in certain communicative situation, that is due to the(s) meaning(s) that it articulates. At the same time, the repetition of its use is what, historical and socially, creates and consolidates its meaning.

**Key-words:** Morfosyntax. Synthetical passive voice. Grammar and discourse. Functionalism.

### Referências bibliográficas

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos da gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; VOTRE, Sebastião Josué. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *Delta*, v. 15, n. 1, 1999.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Mind, code and context: essays in pragmatics*. Hillsdale: N. J. Lawrence Erlbaum, 1989.
- GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Funcionalismo. *Revista Veredas*, n. 2, 1998.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- VOTRE, Sebastião Josué; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Continuidade, variabilidade e mudança na língua portuguesa. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 21, 2001.